

# ENCAMINHAMENTOS PARA PENSAR

## a dissolução do sujeito na crítica de Nietzsche à metafísica

MARIONI FISCHER DE MELLO - Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual  
do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
marionimello@hotmail.com

**Resumo:** A dissolução do sujeito na crítica de Nietzsche à metafísica se delineia, principalmente, no terceiro período de sua obra, no qual o filósofo estabelece sua doutrina da vontade de potência. O empreendimento é orientado por uma reflexão na qual a efetividade, preconizada pela dinamicidade da vida, se encarrega de produzir. O objetivo deste trabalho é elucidar o encaminhamento teórico pelo qual o filósofo estabelecerá, posteriormente, a superação do conceito tradicional de sujeito. Ao debruçar-se sob a história do pensamento ocidental orientado pelas idéias socrático-platônicas, Nietzsche denuncia o desprezo à efetividade como consequência das dicotomias instituídas pela metafísica, que impõe radicalmente a condenação à vida. A ênfase em tal desaprovação considera a relevância das configurações impulsivas que o corpo representa em sua filosofia. Outorgado estatuto de plena radicalidade à efetividade, as dualidades metafísicas passam a ser superadas e a multiplicidade de impulsos que configuram o vir-a-ser passa a ser considerada.

**Palavras chave:** Sujeito; Metafísica; Efetividade

**Abstract:** The dissolution of the subject in the Nietzsche critical to metaphysics emerges, mainly, in the third period of his work, in which the philosopher establishes his doctrine of the will to power. The project is guided by a reflection in which effectiveness, advocated by the dynamics of life, is responsible for production. The objective of this work is to elucidate the theoretical guideline by which the philosopher may establish, subsequently, the overcoming of the traditional concept of subject. When Nietzsche looked into the history of the Western thought guided by the Socratic-Platonic ideas, he denounces the contempt to effectiveness as a consequence of the dichotomies instituted by metaphysics, which radically imposes a sentence on life. The emphasis on such disapproval considers the relevance of the boosting settings that the body represents in his philosophy. With a granted status of full effectiveness, the metaphysical dualities start being overcome and the multiplicity of impulses that shape come-to-be begins to be considered.

**Keywords:** Subject; Metaphysics;

**N**a tessitura do presente trabalho pretende-se desemaranhar alguns fios, das tramas em cujas urdiduras se enreda a compreensão acerca da dissolução do sujeito, impetrada por Nietzsche em sua filosofia. Percebe-se que tal dissolução se evidencia em sua crítica à metafísica, sendo efetivamente estabelecida a partir da fundamentação da doutrina da vontade de potência, que se dá na fase madura de sua filosofia, sob a qual se debruça esta investigação. Não constitui, no entanto, intenção deste estudo preliminar elucidar o conceito nietzschiano de vontade de potência. Neste primeiro momento, tenciona-se demonstrar que tal empreendimento, qual seja, a fundamentação que visa instituir tal conceito é possibilitada pela crítica empreendida por Nietzsche à metafísica. A partir do questionamento às concepções dualistas que, pelo pensamento socrático-platônico, estabeleceram os dualismos metafísicos é que Nietzsche encaminha em sua crítica à metafísica a dissolução do sujeito cartesiano.

Percorrendo as sendas pelas quais nos conduz o olhar nietzschiano no terceiro período de sua obra<sup>1</sup>, fase na qual torna incisivas suas críticas à metafísica, bem como delinea com maior precisão sua doutrina da vontade de potência, se compreende, paulatinamente, os motivos pelos quais ela desintegra a noção tradicional de sujeito, que a partir da perspectiva fundamentada nesse pensamento, não mais poderá se sustentar. A essa rede múltipla e complexa, fiada no tear da efetividade<sup>2</sup>, cujas tramas a vida, em sua acepção e conformação mais plena – o corpo – se encarrega de tecer, é que pretendemos nos dedicar, ao longo desse desfiar do pensamento nietzschiano, rumo à compreensão dos trâmites iniciais sob os quais se dá a da dissolução do sujeito.

Deste modo, pretende-se evidenciar que a dissolução do sujeito metafísico, impetrada pelo pensador alemão, via-de-regra, não ocorre isoladamente, visto que, ao esvanecer-se, irremediavelmente arrasta consigo outros tantos conceitos canônicos da metafísica, que fenecem concomitantemente, sob a ação da metafórica ferramenta de trabalho<sup>3</sup> do fisiopsicologista<sup>4</sup>. Mediante a isso, o propósito desse

1 Como recurso metodológico, adotaremos a divisão da obra filosófica de Nietzsche em três períodos, conforme sugere Marton (2005, p.30), sendo que: “o primeiro é marcado pela crença do filósofo na renovação da cultura alemã; o segundo mostra a busca de seu próprio caminho enquanto espírito livre; o terceiro apresenta a doutrina do eterno retorno.” Tais períodos não representam compartimentos epistemológicos estanques, mas ênfases dadas pelo filósofo durante seu percurso filosófico. Entre os escritos nietzschianos do período, tiveram fundamental relevância para a realização desse estudo as seguintes obras: *Assim Falou Zarathustra (Also sprach Zarathustra, 1883/85)*, *Além de Bem e Mal (Jenseits von Gut und Böse, 1885/86)*, *Genealogia da Moral (Zur Genealogie der Moral, 1887)*, *Crepúsculo dos Ídolos (Götzen-Dämmerung, 1888)*, *Anticristo (Der Antichrist, 1888)*, *Ecce Homo (Ecce Homo, 1888)*.

2 Há na filosofia de Nietzsche uma diferenciação entre *Efetividade (Wirklichkeit)* e *Realidade (Realität)*. O primeiro termo designaria o produto da interpretação e representação humana do existente. O segundo designa o próprio existente em sua dinamicidade, imprevisibilidade e impossível determinação absoluta. De acordo com Barros, não se trata de propor uma dicotomia metafísica, mas sim uma diferenciação psicológico-representacional entre ambas (cf. nota de Barros in *Complexidade da efetividade, realidade e perspectivismo*, 2010, p. 12).

3 Em *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche elucida os termos de sua investigação fisiopsicológica e define o martelo como seu peculiar instrumento metafórico de trabalho, como se verifica na seguinte citação: “Uma outra convalescença, em algumas circunstâncias ainda mais desejada por mim, está em *auscultar ídolos...* Há mais ídolos do que realidades no mundo: esse é meu “mau olhar” para esse mundo, é também meu “mau ouvido”... Fazer perguntas com o *martelo* e talvez ouvir, como resposta, aquele célebre som oco que vem de vísceras infladas (...) Este pequeno livro é uma *grande declaração de guerra*; e, quanto ao escrutínio de ídolos, desta vez eles não são ídolos da época, mas ídolos eternos, aqui tocados com o martelo como se este fosse um diapasão – não há, absolutamente, ídolos mais velhos, mais convencidos, mais empolados... E tampouco mais ocos...” (GD/CI, “Prólogo”).

4 Para Frezzatti, a psicologia de Nietzsche “é essa investigação fisiológica e essa terapêutica impulsional (...) uma

trabalho é ater-se, de modo mais incisivo, às noções que antecedem o conceito cartesiano de sujeito – temática que não será desenvolvida aqui – mas que, de algum modo, lhe conferem sustentabilidade e fundamentação. Tal encaminhamento constitui a etapa inicial do estudo no qual se pretende investigar o estatuto do corpo na crítica de Nietzsche à metafísica. Em sendo assim, entende-se que a dissolução do sujeito metafísico se processa a partir das críticas nietzschianas que intentam a superação das dualidades instituídas pelo pensamento socrático-platônico, enquanto origem do pensamento ocidental. Nesse sentido, o sujeito cartesiano, enquanto conceito fundado a partir desse pensamento merecerá investigação à parte na sequência da pesquisa.

### **A Inconsistência do Sujeito na Crítica de Nietzsche à Metafísica**

Em sua crítica à metafísica, Nietzsche denuncia o desprezo à efetividade, como consequência da dicotomia por ela forjada e instituída, impondo radicalmente a condenação à vida e ao corpo, seu meio natural de expressão.

A atitude a parte dos filósofos, caracteristicamente negadora do mundo, hostil à vida, descrente dos sentidos, dessensualizada, e que foi mantida até a época recente, passando a valer quase como *atitude filosófica em si* – ela é sobretudo uma consequência da precariedade de condições em que a filosofia surgiu e subsistiu.<sup>5</sup>

A ênfase na desaprovação impetrada pelo filósofo à tradicional atitude metafísica que nega a vida, condenando o corpo, justifica-se considerando a relevância das configurações impulsivas que o corpo representa em sua filosofia. Este estudo procura demonstrar que ao erigir suas críticas aos conceitos absolutos e eternos que fundamentam a metafísica, torna-se imprescindível à Nietzsche dirigir seus mais extenuantes esforços a destituir de validade a autonomia de um dos conceitos centrais da metafísica – o conceito de sujeito – a partir do qual o pressuposto de uma alma imortal define a essência humana, pressupondo um além-mundo que acaba por negar a efetividade e a plenitude da vida. Na interpretação nietzschiana, contrariando a tradição metafísica, a alma perde seu status de referência fundamental para se entender o homem: configuração instintual que se institui tão somente na efetividade, no vir-a-ser que só se manifesta através da vida, pela corporeidade.

Se a metafísica, até então, erigiu seus pressupostos a partir do dualismo conceitual<sup>6</sup>

---

psicologia que supera a dualidade corpo/alma (...) porque ela analisa sintomas que são a expressão do estado de agregação dos impulsos, os quais podem ser entendidos como psicofisiológicos ou fisiopsicológicos, porque nada mais são do que a efetivação de uma tendência de crescimento de potência, ou seja, do próprio fluxo eterno do vir-a-ser” (FREZZATTI, 2006-a, p. 66). A partir de tal prerrogativa, podemos compreender no que consiste, e de que modo se dá o trabalho fisiopsicológico empreendido por Nietzsche em sua filosofia.

5 GM/GM, § 10. Será adotado neste estudo o padrão de abreviaturas das obras de Nietzsche tal como convencionado pelos *Cadernos Nietzsche* a partir da edição crítica das obras completas organizadas por Colli e Montinari: EH/EH – *Ecce Homo*; GD/CI – *Götzen-Dämmerung* (Crepúsculo dos Ídolos); JGB/BM – *Jenseits von Gut und Böse* (Para Além de Bem e Mal); GM/GM – *Zur Genealogie der Moral* (Genealogia da Moral); Za/ZA – *Also sprach Zarathustra* (Assim Falou Zarathustra); AC/AC – *Der Antichrist* (O Anticristo).

6 Sujeito / Objeto, Subjetivo / Objetivo, Material / Espiritual, Interior / Exterior, Corpo / Alma, Bem / Mal, Verdade / Falsidade, Divino / Humano, Aparência / Realidade, etc.

que a caracterizou, preconizando um além-mundo a ser alcançado pela alma, ambos enquanto instâncias superiores, somente atingidas plenamente a partir da renúncia e da negação do corpo, e conseqüentemente da vida, sua fundamentação carece ser revista sob as lentes atentas da genealogia nietzschiana, cujo martelo perscrutador diagnostica e denuncia a instabilidade das bases sob as quais ela se sustenta, apontando para uma nova perspectiva, a partir da qual um novo horizonte passa a ser vislumbrado. Pois, para Nietzsche

tudo o que os filósofos manejaram, por milênios, foram conceitos-múmias; nada realmente vivo saiu de suas mãos. Eles matam, eles empalham quando adoram, esses idólatras de conceitos (...) a morte, a mudança, a idade, assim como a procriação e o crescimento, são para eles objeções (...) Moral: desembaraçar-se do engano dos sentidos, do vir-a-ser, da história (...) dizer não a tudo o que crê nos sentidos (...) e, sobretudo, fora com o *corpo*, essa deplorável *idée fixe* dos sentidos! acometido de todos os erros da lógica, refutado, até mesmo impossível, embora insolente o bastante para portar-se como se fosse real!...”.<sup>7</sup>

Nietzsche visa aniquilar o pressuposto metafísico que nega o vir-a-ser, condenando, em consequência, a vida, o corpo, os sentidos, instaurado como fundamentação da filosofia, já preconizado no **Fédon**, quando Sócrates em seu diálogo predica a Símas: “É nisto então, primeiramente, que se manifesta o filósofo: em separar, o mais possível e em grau superior aos outros homens, a alma do comércio com o corpo” (PLATÃO. 1975, p. 15). No referido diálogo, evocando a tradição órfica<sup>8</sup>, Sócrates despreza o corpo considerando que os homens vivem nele encarcerados e o projeta como empecilho ao conhecimento devido à inexatidão dos sentidos. (cf. PLATÃO. 1975, p. 15-17). No intuito de demonstrar de modo mais contundente a intensidade da repulsa aos sentidos expressos pela corporeidade, no pensamento socrático-platônico, podemos ainda tomar como exemplo a seguinte passagem do **Fédon**, na qual Sócrates assevera:

Mas que significa purificar a alma, se não o que já outrora se dizia: separá-la o mais possível do corpo e acostamá-la a recolher-se de todas as suas partes e a unir-se a si mesma, vivendo, na medida das suas forças, tanto no presente como no futuro isolada e por si, livre do corpo como duma prisão?<sup>9</sup>

Tal crença de acordo com Nietzsche teria perpassado os milênios e nela podemos perceber enraizada a origem da noção cristã de “pecado”. De acordo com Nietzsche,

inventada juntamente com o seu instrumento de tortura, a noção de “livre-arbítrio”, para confundir os instintos, para fazer da desconfiança frente aos

7 GD/CI, “A “Razão” na Filosofia”, § 1.

8 Antiga tradição fundamentada a partir das crenças atribuídas a Orfeu, postuladas a partir de Pitágoras. Nelas Platão estabelece sua teoria da preexistência e imortalidade da alma, tentando dar-lhes base filosófica. A antiga ascética órfica visava libertar a alma, o mais possível, durante a vida terrena, do domínio do corpo, em geral, do mundo sensível. (Cf. notas de Dias Palmeira, PLATÃO. 1975, p. 13-19).

9 PLATÃO. 1975, p. 19.

instintos uma segunda natureza! Na noção de “desinteressado”, de “negador de si mesmo”, a verdadeira marca de *decadéncia*, a *sedução* do nocivo, a *incapacidade* de encontrar o próprio proveito, a autodestruição, convertidos no signo de valor absolutamente, no “dever”, na “santidade”, no “divino” do homem!<sup>10</sup>

Transfigurado e deturpado em mero receptáculo da alma na configuração dualista e depreciativa socrático-platônica o corpo – reconhecido por Nietzsche enquanto configurações de impulsos em luta por mais potência que caracteriza o devir humano – foi ainda execrado enfaticamente pela tradição religiosa judaico-cristã que encontrou naquele pensamento a fundamentação de sua doutrina, reafirmando-o e enfatizando-o. Relegado a mais cruel das classificações imposta pelo próprio homem, o corpo torna-se o grande vilão que se interpõe à verdade e ao conhecimento, sendo literalmente carregado como um fardo do qual se almeja livrar vislumbrando-se um além-mundo.

Nietzsche, contrapondo-se a esta tradição, afirma sua posição a favor da vida, quando reconhece por detrás dos sentidos e do espírito o ser próprio:

O corpo criador criou o espírito como mão da sua vontade. Mesmo em vossa estultice e desprezo, ó desprezadores do corpo, estais servindo o vosso ser próprio. Eu vos digo: é justamente o vosso ser próprio que quer morrer e que volta as costas à vida. Não consegue mais o que quer acima de tudo: – criar para além de si. Isto ele quer acima de tudo; é o seu férvido anseio. Mas achou que, agora, era tarde demais para isso; – e, assim, o vosso ser próprio quer perecer, ó desprezadores da vida. Perecer, quer o vosso ser próprio, e por isso vos tornastes desprezadores do corpo! Porque não conseguis mais criar para além de vós. E, por isso, agora, vos assanhais contra a vida e a terra. Há uma inconsciente inveja no vesgo olhar do vosso desprezo.<sup>11</sup>

Diante disso, o filósofo intenta, ao longo de sua obra, alertar para o absurdo de engalanar o cristianismo, forjado a partir da Teoria das Ideias de Platão, inoculado como um veneno, cujos efeitos nocivos lograram subverter os valores fundamentais do homem em detrimento a efetividade da vida manifesta pelo corpo, conforme enuncia na seguinte passagem:

Não se deve embelezar e ataviar o cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra esse tipo *mais elevado* de homem, ele proscreeu todos os instintos fundamentais desse tipo, ele destilou desses instintos o mal, o homem mau – o ser forte como o tipicamente reprovável, o “réprobo”. O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, malgrado, transformou em ideal aquilo que *contraria* os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como *tentações* os valores supremos do espírito.<sup>12</sup>

10 EH/EH, “Por que sou um Destino”, § 8.

11 Za/ZA, “Dos desprezadores do corpo”, § 3.

12 AC/AC, § 5.

Com efeito, a alma: pura, eterna, imortal, imutável, indissolúvel, uniforme, inteligível, divina e capaz de alcançar o conhecimento de acordo com a Teoria das Ideias de Platão, atrelada ao Corpo: mortal, sensível, não inteligível, multiforme, dissolúvel e mutável, capaz apenas de perceber o mundo concreto pelos sentidos, como pálida reprodução do mundo das Ideias, constituem uma das dualidades ferrenhamente criticadas por Nietzsche em seus escritos do terceiro período, orientando uma teoria na qual a vida e o corpo – entendido a partir de uma diferente perspectiva – tornam-se os elementos centrais para se pensar o homem. Tais dualismos, que estabelecem oposições absolutas entre mundo sensível e mundo inteligível, são o centro nevrálgico da crítica de Nietzsche à metafísica, a qual o filósofo busca superar, consolidando a efetividade da vida, a partir da doutrina da vontade de potência.

### **A Criação de Novas Perspectivas a partir da Doutrina da Vontade de Potência**

Percebe-se, nos meandros do pensamento nietzschiano, uma relação de interdependência entre a crítica que impõe a dissolvência dos dualismos metafísicos, que por sua vez conduzem à dissolução do sujeito, e a proposição da luta dos impulsos por mais potência, que fundamenta sua filosofia. Entende-se que a perspectiva nietzschiana que instaura a doutrina da vontade de potência como interpretação do mundo se institui a partir da dissolução dos dualismos que culminará na dissolução do sujeito. Tal evidência não pode ser suprimida, ou passar incólume, uma vez que, de acordo com a compreensão aqui esboçada, a investida do filósofo não se caracteriza como mera desconstrução, ou destruição, visando um distanciamento que, tão somente, destitua de validade os conceitos tradicionais da metafísica, sem, contudo, apresentar novas possibilidades para a compreensão do homem e do mundo. A hipótese a qual pretende-se enunciar é de que, concomitantemente à oposição que suas críticas impõe à metafísica, o filósofo propõe a criação de novas perspectivas, que se evidenciam na empreitada filosófica que às sucede. Tal atitude pode ser observada na seguinte passagem, na qual o filósofo se reporta à multiplicidade de forças que atuam no organismo, e da impossibilidade de sua unificação, sugerindo outras possibilidades para a compreensão do conceito de “alma”:

A crença que vê a alma como algo indestrutível, eterno, indivisível (...): essa crença deve ser eliminada da ciência! Seja dito entre nós que não é necessário, absolutamente, livrar-se com isso da “alma” mesma (...). Está aberto o caminho para novas versões e refinamentos da hipótese da alma: e conceitos como “alma mortal”, “alma como pluralidade do sujeito” e “alma como estrutura social dos impulsos e afetos”<sup>13</sup>

Paralelamente ao desfiar genealógico das concepções metafísicas, esfarrapando, de modo a romper as tramas conceituais que engendravam seus dualismos, Nietzsche entrelaça as urdiduras da sua doutrina da vontade de potência, a qual evidenciará a etapa construtiva de sua filosofia que até então a crítica tão somente prenunciara. Elucida-se aí, ou seja, na formulação desta teoria,

---

13 GD/CI, “Dos Preconceitos dos Filósofos”, § 12.

qual seja: a doutrina da vontade de potência – possibilitada pela fase corrosiva e destrutiva de seu pensamento, esboçada através da crítica lançada à metafísica – o desenvolvimento constitutivo de seu pensamento, que tem como referencial as configurações agônicas de impulsos que agem no mundo e, conseqüentemente no organismo humano. Enunciando suas concepções, Nietzsche adverte: “Qual pode ser a nossa doutrina? – Que ninguém dá ao ser humano suas características, nem Deus, nem a sociedade, nem seus pais e ancestrais, nem *ele próprio*” (GD/CI, “Os Quatro Grandes Erros”, § 8). Sem finalidade, interferência teleológica ou transcendente, independentes de qualquer relação consciente, essas forças múltiplas se efetivam num movimento oscilatório constante em luta por mais potência. Transitórias em suas relações de intensificação e domínio tais forças se configuram num processo contínuo e dinâmico, que desconstrói a noção de um “eu” absoluto, de um sujeito subjacente à ação.

Outorgado estatuto de plena radicalidade à efetividade humana, que é manifesta no corpo, enquanto pluralidade de pulsões que irradia a vida, a dualidade, que até então opunha qualitativa e absolutamente os conceitos metafísicos é rompida, perpassada, e a multiplicidade de impulsos que configuram o vir-a-ser passa a ser considerada, constituindo o influxo da efetividade.

A crença fundamental dos metafísicos é a *crença nas oposições de valores*. (...) pode-se duvidar, primeiro, que existam absolutamente opostos; segundo, que as valorações e oposições de valor populares, nas quais os metafísicos imprimiram seu selo, sejam mais que avaliações-de-fachada, perspectivas provisórias (...) (JGB/BM, § 24). (...) é possível que se deva atribuir à aparência, à vontade de engano, ao egoísmo e à cobiça um valor mais alto e mais fundamental para a vida. É até mesmo possível que aquilo que constitui o valor dessas coisas boas e honradas consista exatamente no fato de serem insidiosamente aparentadas, atadas, unidas, e talvez até essencialmente iguais, a essas coisas ruins e aparentemente opostas.<sup>14</sup>

Nessa prerrogativa, portanto, o corpo, enquanto configuração de impulsos que em sua efetividade exprime a vida passa a ser o fio condutor dessa nova interpretação do mundo desencadeada pela doutrina nietzschiana da vontade de potência. Pura efetividade ante a multiplicidade de forças que o constitui, o corpo passa a ser a referência de sua abordagem fisiopsicológica no diagnóstico de organismos debilitados e saudáveis. Sob esse viés, sustentando a doutrina nietzschiana da luta dos impulsos por mais potência, a vida passa a ser o “critério” de avaliação. Impossível de ser avaliada, dada sua contingência, a efetividade que a perpassa e caracteriza desestabiliza as tradicionais dualidades metafísicas que se estabeleceram, de acordo com Nietzsche, pela necessidade de organismos debilitados em assegurar-se de um além-mundo, sob o qual pudessem encontrar uma pretensa segurança negada pela instabilidade do vir-a-ser.

Para Nietzsche, tais organismos representam a decadência das cadeias hierárquicas de impulsos que regem a existência, num embotamento de forças proveniente da desagregação dos impulsos vitais que configuram o homem. Tal circunstância desencadeia a negação da vida, da

14 JGB/BM, § 3.

efetividade, do corpo e renuncia refúgio na promessa de uma verdade eterna e absoluta, num mundo pós-terreno que funda a alma, como postuladora de tal instância e o corpo como uma espécie de sopeso a ser transposto para atingi-la.

Sustentada por Nietzsche como único critério a partir do qual se torna possível qualquer pretensão valorativa, a vida, enquanto pressuposto da efetividade, do vir-a-ser, preconizado pelos impulsos em luta por mais potência, irromperá plena em sua investigação e diagnósticos fisiopsicológicos, instituindo o corpo enquanto instância privilegiada de sua investigação, pois é onde atuam as forças instintuais que balizam sua filosofia. No entanto, é preciso aqui alertar para o fato de que tal plenitude prepondera nos organismos sadios, aqueles bem hierarquizados, em cujas forças instintuais reverbera uma moral nobre, afirmadora da vida. Diferentemente destes, Nietzsche diagnostica como e a partir de quais pressupostos se dá a inversão valorativa que prepondera nos organismos debilitados:

Que sentido tem aqueles conceitos mentirosos, os conceitos *auxiliares* de moral, “alma”, “espírito”, “livre-arbítrio”, “Deus”, senão o de arruinar fisiologicamente a humanidade?... Quando se retira a seriedade da autoconservação, da fortificação do corpo, *ou seja, da vida*, quando se faz da anemia um ideal, do desprezo ao corpo a “salvação da alma”, que é isto, senão uma *receita de decadence?* – A perda do centro de gravidade, a resistência aos instintos naturais, em uma palavra, a “ausência de si” – a isto chamou moral até agora...<sup>15</sup>

Para Frezzatti, “vida saudável é o mesmo que luta por superação: o sentimento de querer mais capacidade para dominar, mais potência, é o caráter próprio da vida” (2001, p. 81). Assim, enquanto organismos saudáveis buscam propositalmente as condições desfavoráveis que potencializam suas forças, que são em última instância, as forças afirmadoras da vida, nos organismos debilitados prepondera a acomodação degradante daqueles cujo dinamismo instintual é incapaz de suportar o confronto inerente à vida. Estes desenvolvem estratégias que são meramente artifícios de conservação, portanto, negadores da vida (cf. FREZZATTI, 2001, p. 81-91).

Se a partir de seu pensamento, Nietzsche apresenta o homem enquanto resultante de uma configuração de impulsos em luta constante e permanente por mais potência, em tal interpretação não há espaços para dicotomias e oposições conceituais que fragmentam a unidade do humano em sua efetividade. A sensibilidade e os afetos são estabelecidos por configurações de impulsos em luta por mais potência, numa relação necessária de superação do organismo. Nietzsche renuncia, assim, terminantemente à filosofia platônica, na qual a alma se opõe ao corpo que é desprezado e a repudia, reconhecendo em Platão “o mais voluntarioso ‘ partidário do além’, o grande caluniador da vida” (GM/GM, § 25).

Nietzsche vislumbra na configuração de impulsos em luta por mais potência, sustentada em sua doutrina da vontade de potência, uma transgressão às crenças que fundamentam a metafísica.

15 EH/EH, “AURORA: pensamentos sobre a moral como preconceito”, § 2.



Ao enunciar o corpo como fio condutor de tal perspectiva, o filósofo alemão visa bem mais que a mera inversão dos valores por ela postulados até então. Para além de tal concepção reducionista, articula uma abordagem bem mais complexa e intrincada. Nietzsche postula no corpo a mesma composição impulsional que caracteriza o mundo em toda a sua constituição, qual seja: a luta de forças por superação e a assimilação de configurações impulsivas desierarquizadas.

## Considerações Finais

Como tentou-se demonstrar, ao eleger o corpo como fio condutor de sua filosofia, longe de promover tão somente uma inversão valorativa em relação aos pressupostos da alma, Nietzsche sustenta a corporeidade enquanto cadeia instintual que age indiferente à consciência humana se intensificando ou decrescendo em potência. “A maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas (...) “estar consciente” não se opõe de algum modo decisivo ao que é instintivo” (JGB/BM, “Dos Preconceitos dos Filósofos”, § 3). Sob tal perspectiva, a consciência seria um órgão secundário, desenvolvido a partir de uma necessidade fisiológica na luta pela sobrevivência engendrada por uma espécie desprovida de meios mais efetivos e potentes de defesa.

Segundo Nietzsche, dada a debilidade humana entre as demais espécies, o homem precisou agregar-se a seus semelhantes, unindo forças ante as hostilidades naturais, donde consciência e linguagem brotaram simultaneamente provendo a comunicação. Considerando-as assim um meio de defesa e, portanto, de embuste no sentido da manutenção da sobrevivência e, para além dela, na intensificação da potência, o filósofo entende a mentira como decorrência natural do processo de afirmação e auto superação do homem no mundo. Nesse sentido, explica Nietzsche:

Como um meio para conservação do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação; pois esta constitui o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos vigorosos, conservam-se (...) o indivíduo, num estado natural das coisas, quer preservar-se contra outros indivíduos, ele geralmente se vale do intelecto apenas para dissimulação.<sup>16</sup>

Decorrente da adaptação humana aos influxos do vir-a-ser, a racionalidade que outrora, engendrada pelas crenças metafísicas, tomava lugar de destaque na configuração do homem, segregando os instintos naturais que o caracterizavam e distinguindo-o demarcava sua supremacia ante as demais espécies, é agora restituída pela genealogia nietzschiana ao seu status originário. Tal reestabelecimento se deve ante a impossibilidade da doutrina impulsional preconizada por Nietzsche (leia-se vontade de potência) – devido à multiplicidade relacional de forças que atuam no organismo, constituindo de maneira difusa as bases desse órgão, que a linguagem habituou-se a chamar de “consciência” – em admitir uma noção de individualidade que tende a unificar aquelas hierarquias de impulsos que lutam entre si por mais potência, visando superação e assimilação.

Apartir dessas considerações podemos perceber que para Nietzsche “não somos um sujeito

---

16 WL/VM, I, §§ 26-29.

‘único’: há uma pluralidade de sujeitos cuja interação e luta formam nosso pensamento e consciência” (Fragmento póstumo XI 40[42] de agosto/setembro de 1885). Reportar tais relações a um suposto “eu” centralizador desses processos configuraria, para Nietzsche, um equívoco da linguagem que se limita a considerar os influxos que caracterizam a expressão dessas forças como integrados sob a forma de um sujeito.

Se o mundo, e mesmo o organismo humano são configurações de impulsos lutando entre si por mais potência, numa desestabilização contínua, instituindo um desequilíbrio constante, num antagonismo, cuja força geradora é desencadeada pelas múltiplas e indefinidas relações que se estabelecem nesse processo, a ação momentânea que permeia o instante não pode ser gerida ou impetrada por um sujeito plasmado sob as nuances metafísicas. Ante tal instabilidade, não pode haver uma substância absoluta a agenciar uma configuração plural em permanente mutabilidade. O sujeito, ao qual a linguagem, pela força dissimulatória da gramática, equivocadamente conferiu a responsabilidade, enquanto causa de uma ação desencadeada pela cadeia de impulsos dominante em uma circunstância específica e momentânea, fenece assim, ante a dupla investida nietzschiana.

Na perspectiva de Nietzsche, o sujeito metafísico – engendrado a partir das dicotomias fundadas no pensamento socrático-platônico legado à tradição filosófica ocidental – enquanto relação processual configurada na plenitude do instante, se dissolve na efetividade, se dispersa na efemeridade do instante em que se configura, desaparece sem vestígios, sem possibilidade de apreensão. Sem enunciar-se, efetiva-se, sem concretizar-se, dissipa-se. Sua existência cumpre-se apenas no vir-a-ser e apenas sob tal contingência pode tornando-se, tornar-se, fazer-se, enfim, efetivar-se. Descortinam-se assim os elementos primários para compreender como a crítica de Nietzsche à tradição filosófica ocidental se articula em seu processo de destituição dos dualismos metafísicos, prenunciando a dissolução do sujeito e encaminhando sua doutrina da vontade de potência.

## REFERÊNCIAS

### Obras de Nietzsche

NIETZSCHE, F. W. *Assim Falou Zarathustra. (Also sprach Zarathustra, 1883-1885)*. Tradução Mário da Silva. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. (Jenseits von Gut und Böse, 1886)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral: uma polêmica. (Zur Genealogie der Moral, 1887)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos. (Götzen-Dämmerung, 1888)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Anticristo: maldição ao cristianismo: ditirambos de Dionísio. (Der Antichrist, 1888)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ecce homo: como alguém se torna o que é. (Ecce Homo, 1888)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Hg: G. Colli e M. Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1980. 15v.

\_\_\_\_\_. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Hg: G. Colli e M. Montinari. Berlin; Nova York: Walter de Gruyter, 1986. 8v.

### Obras de Comentadores de Nietzsche

FREZZATTI Jr., W. A. *Nietzsche contra Darwin*. São Paulo: Discurso Editorial/ Editora UNIJUÍ, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/ biologia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006-b.

\_\_\_\_\_. *“O Problema de Sócrates”: um exemplo da fisiopsicologia de Nietzsche*. In: Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 20, n.27, jul./dez. 2008. p. 303-320.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche: crítica e superação da noção de sujeito*. In: BATTISTI, César Augusto. *Às voltas com a questão do sujeito: proposições e perspectivas*. Ijuí: Ed. Unijuí; Cascavel: EDIUNIOESTE, 2010, p. 219-240.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche na Alemanha*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

### Obras de outros filósofos

PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Dias Palmeira. Atlântida Editora, Coimbra, 1975.